



**PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**  
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

# O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

10 de Junho de 2006 • Ano LXIII • N.º 1624  
 Preço: € 0,30 (IVA Incluído)  
 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913  
 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285  
 Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Um grupo dos mais pequenos, da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

## Momentos

HÁ muito que as Casas do Gaiato se transformaram em santuários de peregrinação. Nem Pai Américo imaginou que ao chamar às Casas «Santuário de Almas» ele se alargasse a tantas que não fazem parte da família interna da Obra.

Durante o ano escolar, a partir de Novembro, as visitas de estudo da disciplina de Religião e Moral e não só, de muitas Escolas, fizeram aqui encontros, em média dois ou três por semana, ao longo de todo o ano lectivo.

Apesar de não nos apoiarmos nestas manifestações, mas n'Aquele que as provoca, elas constituem aos olhos da nossa intimidade revelações evidentes de que o Povo de Deus e o Povo português, tendo a Obra em grande apreço, vem aqui buscar luz e revelá-la à juventude.

Aos sábados, domingos e feriados, os romeiros seguem-se uns aos outros, até à campa de Pai Américo, na Capela, pôr flores, acender velas, fazer oração e até à sala dos cicerones pagar assinaturas d'O GAIATO, comprar livros, deixar dádivas, desabafar amarguras e também até à Aldeia para saborear a paz, a beleza, a variedade e a ordem com que tudo se apresenta.

Um grupo de Aveiro, Aradas e Ílhavo, onde temos muitos assinantes, há muitos anos, mais de trinta, que se organiza e vem, à semana, fazer um dia de gaiato ou de Pai Américo como entre eles é designado.

Há meses, faleceu a líder principal, D. Maria Matos que, antes de vir, passava pela casa de vizinhos, conhecidos e amigos, angariando ajudas que depois juntava às que cada peregrino oferecia. A pequenina Associação não morreu com a sua líder, antes revitalizou-se e voltou com nova chefia.

Eles vêm, primeiro, para rezar, depois para conviver.

Com eles celebramos o Mistério que nos une, os motiva e recompensa — a Eucaristia. Eles lêem, cantam e rezam connosco. Falámos-lhes sobre o que a Palavra de Deus nos inspira no lugar em que nos encontramos e na razão que os congrega. Desta vez, dirigimos mais o nosso coração orante pela nossa Amiga, D. Maria Matos, e todos os anteriores romeiros que Deus já chamou.

A seguir, almoçámos juntos, na mesma sala, da comidinha esmerada que eles trouxeram para regalar os rapazes.

Sempre nos soube bem estes gestos espontâneos, esta amizade viva, sacrificada e quase sobrena-

Continua na página 3

### Tribuna de Coimbra

## Dia Mundial da Criança

SAI esta Tribuna nas proximidades do Dia Mundial da Criança. Vem-nos à mente um turbilhão de ideias sobre este assunto. Na nossa reflexão, ressalta logo a ideia de ausência: não há crianças. As fontes da vida parecem ter estancado... pelo menos no Hemisfério Norte, onde abundam condições e cartas magnas de sua defesa e direitos. Na maior parte dos países europeus, o «deserto» perde-se de vista. O nosso país faz figura na tabela desta «ausência». A desertificação humana é um caso sério...

Também em nossas Casas do Gaiato, exceptuando as de África, se sente esta ausência de vida e de alegria que as crianças proporcionam. O grupo dos «Batinhas», que outrora era um grupo motivador da própria vida em Casa, está, agora, reduzido a uns poucos, «mimados». Não temos tido pedidos para aceitar crianças. Até já nos vamos convencendo de que as não há, abandonadas, senão quando aparecerem casos mediáticos.

Hoje, curiosamente, o correio trazia o pedido de um Tribunal da Zona Centro, para aceitarmos uma rapariga a caminho dos 17 anos... Sinais dos tempos!

Pai, preocupado com o futuro da sua filha, recém-formada em Serviço Social, veio ter connosco porque já bateu a tantas portas e as Instituições não têm «vaga». Faltam, isso sim, crianças! Entretanto, vão-se multiplicando, com grandes auxílios económicos da parte do Estado, os Centros de Emergência Infantil, fecham-se Maternidades e «fogem» as empresas, fontes de riqueza, de trabalho e de pão.

Em nossas Casas, não damos vazão às «quebras» que as grandes superfícies comerciais nos oferecem, a pensar nesse «bem precioso» que são as crianças. Repartimos com os idosos e com outros Pobres, quando sobra, quase sempre.

Há dias, uma técnica de Serviço Social viu a nossa Casa, de Miranda do Corvo, na televisão: «Não fazia ideia de que fosse tão bonita...» Tinha outra ideia! Em cada quarto dormem, agora, menos dois meninos e o nosso campo de futebol, outrora rapadinho de tanto «chuto», está a ficar cheio de erva...

Alguém se lembrou, na ausência longa que fazemos, como é óbvio, da nossa casa da Praia de Mira,

Continua na página 4

## Centenário

OCORREM nestes dias de Maio (10) e Junho (14) cem anos sobre o nascimento de dois Homens que viveram com autenticidade rara o seu dever de cidadãos do mundo, que é chamamento universal, e o sublimaram no exercício da vocação maior que foi o Episcopado, consumando pela perda abraçada das suas vidas a condição evangélica de ganhar vidas; para que nessa abundância os homens constantemente se aproximem da meta da vida que é a Vida de Deus e Seu

supremo dom oferecido a toda a criatura racional.

Dois Homens a que nos ligaram afectos muito singulares: a D. António, o nosso Bispo, na intimidade de atenções e trabalhos que connosco teve; a D. Sebastião, a sintonia no pensar, no agir, nas ambições que, guardada a distância de estatura, nos unia.

No documento em busca de definição, único que temos e verdadeiramente nos interessa, as Normas de Vida dos padres da rua, ambos tiveram uma presença

que foi e é para nós uma força que o tempo não quebrou. Nem se trata duma força jurídica, porque D. António, o nosso Bispo, estava então no exílio, e D. Sebastião, também longe, na Beira do Índico, nem tinha a Obra da Rua na sua diocese nem padres dela na Obra. Mas as suas palavras constam nas Normas e continuam para nós um assentimento e uma bênção. Ei-las:

«Agradou-me, acima de tudo, que tivessem resolvido fixar-se na figura jurídica de padres diocesanos em missão especial, não só pela matéria que a sociedade lhes entrega e pela forma de «povo de Deus» em Igreja «ordinária» que lhe devem dar, mas especialmente pelo testemunho directo de Igreja que são para o nosso mundo».

† António, Bispo do Porto

«As Normas de Vida dos «padres da rua» são um pedaço de Evangelho como o Senhor o viveu e o ensinou.

Se S. Francisco hoje tornasse ao Mundo, para ser o «Cristo» dos nossos tempos, como foi o «Cristo» da Idade-Média, não escolheria por certo, para salvação do mundo actual, normas diferentes destas».

† Sebastião, Bispo da Beira

Em tantas horas difíceis que o tempo prodigaliza, só Deus sabe o potencial de resistência e de paz que elas significam e são para nós.

Padre Carlos

### Moçambique

## Um programa piloto

ESTIVERAM em nossa Casa duas pessoas de uma ONG que pretendem estabelecer um programa piloto, com duração de dois anos, abrangendo umas seis Escolas do Ensino Primário. O objectivo é fornecer diariamente a cada aluno um suplemento alimentar de vitaminas e sais minerais para melhorar as condições físicas e torná-los mais resistentes às doenças, que todas elas se agravam com a fome, inclusivé o HIV, e conse-

quentemente obter maior sucesso escolar. Vieram saber como e aonde poderiam fazer esse trabalho. Ora, nós não somos autoridade em nada, apenas caminhamos no mesmo sentido e estamos aqui há mais tempo.

Já aconteceu na nossa Escola um aluno externo passar a aula a dormir. Veio a saber-se, pelo próprio, que a madrasta não lhe dava comer à noite. Quando no dia seguinte regressava, ainda sem nada no estômago, não aguen-

tava. Há, pela escola, crianças que desmaiam com fome e cansadas pelas distâncias a percorrer. As nossas Creches são para a primeira infância. Só a de Ndivudane, agora a inaugurar, atende os alunos que vêm de doze quilómetros de distância.

Ora, uma ajuda destas é preciosa. Tanto mais que o produto deve ser adicionado à água vulgar, morna ou fria, tipo papinha, ou, simplesmente, com um leite. A Suazilândia já o adoptou para as suas escolas, e entrou nos hábitos de muitas outra populações em África, porque foi especificamente estudado para o clima quente, de modo a não se deteriorar.

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**CELEBRAÇÃO ESPECIAL** — Num Domingo deste mês de Maio os doentes pobres de Paço de Sousa, assistidos pelas Conferências Vicentinas, vieram à Igreja paroquial em ambulâncias generosamente cedidas pela Corporação dos Bombeiros Voluntários da nossa terra, para uma celebração especial que incluiu a União dos Enfermos. O Pároco fez questão que presidisse à celebração o nosso Padre Aclio. Ambos os presbíteros sublinharam o valor espiritual da Santa Missa neste convívio. «*Os doentes são Cristo Vivo*».

Não puderam estar alguns deles, retidos na cama. Foi pena!

As Vicentinas, quais mãos de Mulher, tiveram o gosto — e nós também — de oferecer aos doentes e familiares uma merenda, no Salão Paroquial do Mosteiro de Paço de Sousa.

**PARTILHA** — Assinante 1661, de Coimbra: «*Cheque de cem euros para a vossa Conferência e assim possam ajudar mais um necessitado*».

De Pereira, assinante 78360, cinquenta euros, «*pede desculpa pelo facto do cheque ter sido enviado sem assinatura, que por esquecimento não assinei*». Acontece a muito boa gente!

Vinte e cinco euros, da assinante 26664, de Dafundo, Lisboa.

Maria Manuela, de Ílhavo, vinte euros, com muito amor de toda aquela gente dessa terra de que Pai Américo tanto gostava.

Temos, agora, uma encomenda de roupa que mandou a assinante 52673, da Capital.

«*Uma pequena ajuda. Não agradeçam, por favor. É dum pobre de Cristo, que se encomenda à poderosa intercessão dos Pobres, junto da coração do Pai e muito preza quem a eles se dedica*», sublinha o assinante 42602, de Santo Tirso.

Por fim, mais um cheque da assinante 75527, de Coimbra.

Em nome dos Pobres, a nossa gratidão.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO. 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

**DESPORTO** — Não há hipótese. Desta vez, deslocámo-nos a Vila do Conde para, no relvado do Rio Ave, se realizar mais um jogo. Pessoas extremamente simpáticas, mas como árbitro, tivemos o treinador da própria equipa. Sentia-se como que a dar um treino, estava sempre a dar ordens aos seus rapazes e a corrigir as suas posições. Mesmo assim, perdemos por 4-3, com um auto-golo, pura infelicidade do nosso defesa. Acontece! A postura dos nossos rapazes não foi má, mas Teixeira teve nota negativa pela primeira vez. É preciso sermos mais humildes e corajosos. Por vezes, julgamos que sabemos tudo, o que não é bom sintoma. Temos que ter espírito de sacrifício para demonstrarmos que realmente somos, aquilo que tantas

## RETALHO DE VIDA

**S**OU o Domingos Pedro Daler, de 15 anos, natural de Malanje.

Com 2 anos perdi o meu pai na guerra, juntamente com os meus parentes. Fui apanhado pelas Irmãs dos Quizongos, por falta de familiares. Com 5 anos fui para a Casa do Gaiato de Malanje. Somos três irmãos, estando um deles na Casa do Gaiato de Benguela, chamado Marcelo; o terceiro encontra-se em Malanje.

Nunca pensei encontrar um pai como o senhor Padre Telmo. Hoje, sou um homem feliz. Frequento a 6.<sup>a</sup> classe e nas horas mortas estou nos serralheiros ou oficina de electricidade, de que gosto muito, graças ao senhor Padre Telmo. Procuro servir os trabalhos dentro dos meus limites.

Sou chefe duma casa de rapazes entre as 08h00 e as 14h00. O meu desporto favorito é o futebol.

Para todos, a minha amizade. Fico agradecido à Obra da Rua.

Domingos Pedro Daler

vezes dizemos: *um bloco!* No entanto, «*Bolinhas*», «*puto de palmo e meio*», nem sempre com o melhor feitio, nem pensar(!), foi para a defesa, e na segunda parte, não sofremos golos e conseguimos marcar mais dois. O nosso grande mal, é, efectivamente, *stressarmos* com facilidade! Não pode ser. Gil marcou dois e Abílio um. No final do jogo fomos, para a nossa casa de Azurara, merendar, matando saudades e, ao mesmo tempo, marcar presença naquilo que é nosso, quando ninguém conta connosco.

Uma semana depois, mais um jogo e outra vez em campo relvado. Mais uma derrota, mas com sabor a vitória. Porquê?! Eu explico: Fomos a Guimarães jogar com o Vitória, onde a selecção dos Sub-21 treinou. Fomos recebidos de braços abertos. Jogámos contra duas equipas e só levávamos uma. Onze nos primeiros 45 minutos e outros onze fresquinhos na segunda. Na primeira parte, sofremos um golo. Auto-golo e pouca sorte do nosso defesa. Na segunda metade, quando os nossos rapazes davam tudo por tudo, o Vitória, com alguma sorte, faz o 2-0. Saí consolado de Guimarães! Não pela derrota, mas pela entrega e pela postura exemplar dos nossos Rapazes durante 90 minutos, que jogaram e encantaram toda aquela gente. O Vitória não é uma equipa qualquer. Estão habituados a competição a nível nacional, treinam todos os dias e jogaram em casa, num campo que conhecem muito bem. Portanto, só me resta enaltecer o trabalho dos nossos Rapazes.

Permitam-me que destaque aqui três casos: *Primeiro*, nota mais que positiva para o Abílio; *segundo*, nota negativa para o Patrick, porque mais uma vez, não teve o comportamento ideal; *terceira e última*: a equipa de arbitragem. Tivemos como árbitro o treinador dos guarda-redes do Vitória. Correctíssimo do primeiro ao último minuto. Que respeito ele teve, tanto pelo Vitória como pelos nossos Rapazes. Assim, sim! De vez em quando, também sabe bem ter assim um prémio! Agora, e para acabar esta nossa ronda de jogos fora de casa, uma vez que o nosso balneário já está a ficar pronto, e... não, ia dizer que pareciam os balneários do Barcelona, mas não, estão a ficar parecidos; vamos a Coimbra, mais concretamente jogar em casa da Associação Académica de Coimbra. Todos os nossos rapazes são estudantes, por isso, uns com capa negra, outros sem ela, vamos fazer festa, em casa da Briosia.

Alberto («Resende»)

## Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

**ENCONTRO** — No dia 11 de Junho, na Av. da Independência das Colónias, 8-A, em Setúbal, junto ao Estádio do Bonfim, realiza-se a nossa Assembleia Geral. Conto com a sua presença, pois a ordem de trabalhos é:

- 1 — Aprovação do Relatório e Contas;
- 2 — Novos Corpos Sociais;
- 3 — Alteração dos Estatutos;
- 4 — Diversos.

No dia 2 de Julho, na Casa do Gaiato de Setúbal, espero contar com uma boa presença, comemoram-se os cinquenta anos do falecimento de Pai Américo, e os vinte e cinco anos da Fundação da nossa Associação. Vem, traz a tua família e todos juntos festejaremos este dia, com o maior entusiasmo. Alguém disse «recordar é viver», pois então vive esta recordação.

A nossa Associação convida todos os associados a participar no dia 16 de Julho — Comemoração do Cinquentenário da morte de Pai Américo, em Paço de Sousa — o favor de informar até ao dia da Assembleia, na nossa Sede, o número de acompanhantes; o custo da viagem, em autocarro, será, em princípio, de cinco euros por pessoa.

César Amante

## Setúbal

**RAPAZES** — Foi um grupo de rapazes trabalhar numa fábrica de sumos. Eles andavam à procura de trabalho. Esperamos que o trabalho lhes corra bem.

**PALHA** — Nestes últimos dias vários rapazes andaram a transportar a palha do campo para o palheiro. Foram mil e tal fardos produzidos nos nossos campos e que um senhor veio cá ceifar.

**HORTA** — O «Fernandinho» esteve a semear o feijão e o «Lota» a plantar o tomate. Alguns rapazes vão sarchar o feijão e regar o tomate. A rega é importante para as plantas cres-

cerem. O feijão e o tomate serão para comermos às refeições.

**BICICLETAS** — Ao fim-de-semana os rapazes andam de bicicleta. Depois do futebol, é aquilo que mais gostam de fazer. Às vezes, fazem asneiras com as bicicletas e caem. Por causa disso, o chefe castiga os rapazes e não os deixa andar.

**TELEVISÃO** — A casa 3 tem uma nova, que nos foi oferecida. Só o chefe é que pode mexer nela. Os rapazes gostam de ver filmes de acção, novelas e futebol, à noite e ao fim-de-semana. Esperamos que a não estraguem.

Ángelo Pires

## Malanje

Que bom recordar, assim tem sido ao longo da minha permanência em Malanje. Exemplo disto, os nossos operários: homens simples, humildes e honestos.

Pascoal, o nosso carpinteiro, com seu corpo musculoso, em tempos que retirava pedra do solo em Mataria — Ginga para a construção da nossa Aldeia, é hoje um homem frágil, cansado, de oitenta anos. Vem de Malanje, de quando em vez, visitar-nos, recordando, assim, os bons tempos. Joaquim, continua entre nós com as pinturas. Caetano, o nosso alfaiate, um dos primeiros a receber-nos quando da entrega da Casa, em 1992, partiu com os seus 92 anos. Homem conhecedor da sua arte, não deixou de nos deliciar com as suas habilidades como malabarista. Nascimento, mestre de obras, educado, após a saída do José «Pedreiro». Quinrila, responsável pela nossa horta, nunca nos deixou

Júlio Silva

Tiragem média  
d'O GAIATO, por edição,  
no mês de Maio,  
54.000 exemplares

## Casa do Gaiato de Benguela

# Festa do Baptismo

O mistério pascal tem sido para a nossa Comunidade um caminho de volta ao Pai, para com Ele contemplarmos a alegria do Filho. A vivência gozosa do Senhor não se percebe por outros caminhos que não sejam os da Boa Nova. O Ressuscitado é o Senhor glorificado, Vivo e presente no meio da Igreja. Tudo tem sentido com a vida e nada tem sentido se Jesus não for o Senhor da nossa vida. É com este espírito de vida, de Fé em Cristo Ressuscitado, que no Domingo da Ascensão celebrámos a Festa do Baptismo dos nossos dez rapazes.

Foi uma celebração simples e muito rica em significado. Fizemos a experiência pascal da Ressurreição de Jesus, e agora podemos exclamar como o Apóstolo: «Vi o Senhor!»

A Missa foi animada com cânticos próprios da Páscoa que carregavam uma mensagem que nos envolvia no que estávamos a celebrar. Cristo Ressuscitado é a Páscoa, a nossa Paz e a nossa alegria de viver. Todos podíamos ver no rosto dos nossos rapazes a alegria de serem de Cristo, criaturas novas como diz São Paulo.

Agradecemos a todos os que ajudaram estes rapazes na sua preparação para o Baptismo, especialmente os seus catequistas e a Irmã Albina que os acompanhou com muito carinho.

Padre Custódio

# Momentos

Continuação da página 1

tural, mas este ano muito mais!... Não vale a pena referir a razão, que por ser óbvia, todos os Leitores adivinham. Por eles também a registamos, pois indo no mesmo barco a consolação é comum.

Deixaram-nos aproximadamente dois mil euros e um perfume de amizade que nos compromete.

\*\*\*

Enquanto escrevia estas notas para O GAIATO vejo-me envolvido pelo Bruno que me bate à porta do escritório e insiste que lhe dê um pano para limpar o carro.

— Mas..., o carro não está sujo!  
— Está muito sujo e nós estamos a lavá-lo!  
— Vocês!, quem?

— O «Tó Mané», o João e mais!  
— Mas o carro não está em sítio de ser lavado?  
— Nós carregamos água e estamos a lavá-lo!

O Bruno é uma delícia de menino. Quando veio, com quatro anos, não falava. Não era capaz de se concentrar um único segundo. Parecia eléctrico. Todo ele era nervos e instabilidade. Agora, não. De olhos brilhantes e cara feliz encontrou o seu ninho.

Lá lhe desenrasquei os panos, deliciando-me com a iniciativa tão espontânea e tão alegre. É que lavar o meu carro era acarinhar-me.

Não há ternura que me caia tão bem como a deles!...

A seguir vem o João, que come à minha frente, na mesma mesa, e a quem eu chamo, carinhosamente, a brincar «Carengão».

— Nós queremos ouvir aquela

música tão bonita que tens no carro. Empresta-nos a chave.

É um CD que o Filipe, de Sintra, me ofereceu e me fez companhia nas viagens Porto-Lisboa. Nunca me canso de as ouvir, pela mensagem, pela beleza, pela originalidade e perfeição da música. Cantam Nossa Senhora, a Eucaristia, o encontro com Deus, o repartir o pão e o Mundo Novo. Ideais apontados com muito encanto!

Que felicidade eu senti ao ver os meus meninos a lavarem-me o carro envolvidos nestas mensagens...

Dei-lhes logo a chave, correndo o risco de a criança me pôr o carro a trabalhar. A nossa alegria era tanta que eu até lhes daria o meu reino se tivesse alguma coisa para dividir.

Chamei o meu companheiro, Padre Manuel Mendes, para que admirasse e os admirasse. Disse logo:

— Nem quando veio do stand o carro assim brilhava.

Padre Acílio

# Moçambique

Continuação da página 1

Entretanto, é preciso consultar a autoridade local da Educação e até mesmo, possivelmente, da Saúde, porque é fundamental testar os níveis de hemoglobina para certificar a eficiência em cada criança. Ou mesmo começar pelos respectivos Ministérios. Aqui, é de prever um redondo não, porque ou não há orçamento para dar continuidade, ou, simplesmente, morre na gaveta.

O poder retira do coração das pessoas a sensibilidade para os mais pobres. Tenho verificado que muito se fala em combater a pobreza absoluta e ao mesmo tempo se diz ao povo que só ele, pelo seu trabalho, produzindo mais do que come, para poder vender, é que vai sair desse extremo de pobreza. Os trabalhadores por conta de outrém, com um salário mínimo de menos de sessenta dólares, a gastar metade nos transportes, produzem para as empresas e para o Estado, que é o pior pagador. O pobre que vive no mato, que não tem nem gasta dinheiro em transporte todos os dias, nem usa calçado, mas anda longas distâncias para chegar de manhã cedo às machambas, com uma enxada rota de muitos anos, com sementes de muitos anos, sem adubo nem estrume, com água se chove, vai

poder produzir para si e ainda para vender? «Tenho pena deste Povo» já dizia Jesus.

E tenho pena das pessoas de boa vontade que querem fazer o que está tecnicamente ao seu alcance e podem entusiasmar outros, que os há sempre amigos e generosos para um trabalho destes e ficam frustrados se não vão em frente.

Recebemos, em fins de Janeiro, o Gilo, filho de uma menina com 15 anos que, quando nasceu, estava tuberculosa e o abandonou. Não falava. Não andava. Vinha habituado à capulana de tal modo que chorava se o colocavam no chão, aliás a única maneira de se expressar, até frente à comida se não fosse papinha. Nestes meses passou pelo colo de muitos rapazes a começar pelo mais velho, o Luís. Com os do seu tamanho, já diz alguma coisa mal articulada. Na Escolinha... Com os adultos não fala. à mesa aponta só o que lhe agrada. Só mesmo a comer, tira os dedos da boca. Hoje basta chamar-lhe à atenção e até depois de comer na mesa dele, vem à nossa ver se há alguma coisa que lhe agrade, mas não pede, só aponta. Não tem registo e deve ter passado os três anos de idade.

Como o nosso Gito, quantas crianças em Moçambique terão uma alimentação equilibrada? Muitos! Órfãos de sida, estão entregues às avós, outros a irmãos mais velhos, que nem idade têm para angariar alimento, só mesmo pedindo ou catando pelo mato algumas ervas em que a natureza é pródiga, como a cacana e a imboa.

Padre José Maria

# Dores da Família de fora

«Foi com profunda mágoa que li o seu artigo sobre a entrega da Casa do Gaiato de Lisboa ao Patriarcado. Como Esdras fiquei 'atónita'... Muitas lágrimas chorei na presença de Deus, porque senti que não era isto que Pai Américo queria nem os valorosos servos do Senhor, que têm labutado pela Obra, que com tanto Amor foi levantada nesta terra. Senti, também, a amargura profunda do seu coração que, por desígnios misteriosos de Deus, tem sido o rosto mais visível dos ataques que, ultimamente, o mundo, malevolamente, tem feito àquilo que não quer nem pode compreender... Vai-se pedir ao cego de nasença que entenda a beleza do azul do Céu? Vai-se pedir a gente desligada dos valores espirituais que confunde a Caridade, a forma mais excelente do Amor, como S. Paulo tão bem a descreve, com voluntariado social, que entenda a profundidade da Obra do Gaiato? Meu Amigo (permita-me que, muito respeito-

samente, assim o trate), estamos vivendo tempos tumultuosos... Bem sei que o maior presente que Deus lhe podia dar não era o aplauso do mundo, mas ver desabrochar um conjunto de vocações determinadas a pegar no vosso testemunho e a continuar pelos tempos vindouros essa maravilhosa Obra em toda a pureza da sua essência... Quem sabe? Os desígnios de Deus são insondáveis e nem sempre os nossos caminhos e os nossos pensamentos coincidem com os do Senhor. A Sua Hora nem sempre é a nossa hora! Resta-nos recolher do passado exemplos que fortaleçam a nossa fé no presente.

S. Paulo foi esbofetado, cuspidado, açoitado, preso, traído até por falsos irmãos... Os cristãos pareciam um grupo minoritário destinado a desaparecer no mundo romano decadente, a servir de gáudio à plebe no tempo, das sangrentas perseguições a que foram sujeitos... Mas quem venceu? A resposta sabemos-la muito bem! O

Senhor, que tudo vê também o vai ajudar como ajudou o Seu Povo no passado, porque aos olhos d'Ele o Padre Acílio é um mártir da época contemporânea, esbofetado, açoitado e cuspidado, não no Coliseu de Roma (só não vai para lá porque os tempos são outros...), mas na miséria da Comunicação Social que temos e que só pretende agradar ao povo que lhe paga. Mas eu creio que os seus olhos abarcam horizontes mais Altos e, são como S. Paulo, terá forças para dizer, neste momento, «Posso todas as coisas n'Aquele que me fortalece» e no fim da sua vida, fazendo o balanço dela, dirá também como o Apóstolo «Combati o Bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da Justiça me está guardada, a qual o Senhor, Justo Juiz, me dará naquele dia».

Que a paz de Deus reine em seu coração e de todos aqueles que consigo cooperam nesse magnífico apostolado.

Assinante 47518.»

# DOCTRINA



Riscar os sistemas e sepultar as críticas. Assim é que é.

**S**OBRE aquelas duas lições de assistência social, demonstradas no Perú, não há ninguém que se não curve e estremeça, pela sua simplicidade. O terrível emaranhado de que a nossa Assistência é revestida, faz com que os caminhos andem cheios de vadios. Fossem as Obras núcleos de famílias e tudo mudava de figura. Ao simples calor da lareira e bafo de mãe, por muito menos dinheiro do que geralmente se gasta em casas congêneres, estamos a produzir homens úteis, sãos e honestos. Se não fossem os gastos da construção da Aldeia, pela nossa pobreza e pelo nosso trabalho havíamos de nos bastar. O nosso jornal é já hoje uma fonte de receita; e amanhã as nossas oficinas hão-de ser baluarte de alegria e de poder. Assim como são os próprios rapazes que ora garatujam, despacham e vendem por si mesmos o nosso jornal, pequeninos como são — assim também, amanhã, quando maiores, eles serão os primeiros interessados nas oficinas. Tudo na nossa organização é conduzido para este fim. Eles compreendem. Adoram este ideal. Querem ser homens, libertarem-se da miséria. Viverem com dignidade e a sua própria dignidade.

**S**AIU daqui o Avelino para se matricular na Escola Comercial Mouzinho da Silveira. Estavam uns visitantes que lhe perguntaram para onde ia.

— Vou tirar o curso comercial para ser o braço direito do senhor Padre Américo!

Assim nos relataram os visitantes. Confesso que também é esse o meu desejo, mas nunca o revelei a ninguém. Como o rapaz era aqui o meu pequenino secretário, concluiu e disse. Eles sentem a grandeza da Obra.

**M**AS isto somente se obtém dentro de casas cheias de sol. Dá-me vontade de chorar quando oiço certos senhores a falar do que não entendem, ou do que entendem a seu modo, que é muito pior! Deixam-nos assim a impressão de que se comparam em fazer da miséria alheia escabelo e não gostam do que amorosamente procura levantá-la! Ora isto é um erro formidável.

**A** transformação do «Lixo humano» que o nosso tempo entram dois elementos, quais são: a vontade e a Graça. O medo do castigo e da prisão, nas Casas onde isso está em uso, tolhe por si mesmo a acção individual de cada pequenino. Tratamos com almas. A alma é o homem. As coisas santas têm de ser tratadas santamente. Nada mais delicado do que uma alma!

**A**SSIM se responde ao tal senhor bacharel, ou licenciado, como agora se diz, o qual é de opinião: «que esta gente só vai à pancada». Isto é outro erro. Há dez anos que convivo com o «Lixo». Nunca bati em ninguém. De duas vezes que o fiz, por ímpeto, chorei amargamente! Pois muito bem. Tenho assistido de muito perto à transformação destes deserdados sem recorrer ao uso de castigos corporais. Quanto mais experiência colho, mais os reprovos. Se eu soubesse que havia de ser escutado, iria pelas direcções das Casas aonde se abrigam os filhos de ninguém e rogar, de joelhos, que abolissem, de uma vez para sempre, os sistemas que ali adoptam. Quem não tem culpas não merece penas. Não quero ser arrogante; tampouco armar em mestre. Mestre é só um — Cristo. E nós somos todos irmãos. Não quero. O que eu pretendo, sincera e humildemente, é saber que todas as forças se reúnem para fazer mais e melhor.

**E**STEVE aqui de visita um cavalheiro que faz parte da Mesa de certo Asilo em determinada terra. Observou a nossa vida e declarou, ao despedir-se, que se ia riscar. Mas assim não está certo. Ninguém resolve dificuldades por lhes virar as costas. Seriam greves de mãos caídas. Riscar os sistemas e sepultar as críticas. Assim é que é.

*P. Américo*

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

## Benguela

## O refeitório e a escola

**A** Escola é determinante na formação da pessoa. Pela escola passa também o desenvolvimento dum povo.

É interessante como Pai Américo concebeu, desde o início, já lá vão mais de 66 anos, o projecto educativo para a Casa do Gaiato. No centro estão três pilares. O refeitório é um deles. É prioritária a alimentação da criança. É sabido que a subalimentação está na base do subdesenvolvimento escolar. A criança com o estômago vazio não aprende, não cresce, não se desenvolve. Por isso, a minha grande preocupação é matar a fome às crianças fora da Casa do Gaiato também, para que possam ir à escola e aprender.

Outro pilar, depois do refeitório, é a escola. A criança não é só estômago. Não tem fome apenas de pão. A criança é um ser racional e a inteligência também tem fome. A escola mata a fome da inteligência. Para isso, está presente no projecto educativo.

Foi exactamente este pensamento de ajudar ao desenvolvimento do povo que esteve na base da construção da escola do Segundo Nível, aberta também às crianças dos bairros que nos rodeiam. Houve, sem dúvida, um salto para a frente, na busca da escola, por parte dos pais e dos filhos.

Um dos caminhos mais seguros para o encontro de crianças é a escola. Quando Portugal quer, porque sente que é seu dever, manter a sua presença cultural em Angola, o sector da educação é um espaço privilegiado. Por isso, fico triste, quando outros povos, que nada têm a ver com a cultura, nem com direitos históricos, ocupam os espaços vazios.

Aquando da recente visita do Primeiro Ministro de Portugal a Angola ouvi, através dos meios de informação, o anúncio da ida de duzentos professores para Angola. Fiquei admirado! Porquê, só agora? Há quantos anos à espera?! É verdade?

Há tempos, quis falar com um responsável dum estabelecimento do ensino médio, em Benguela. Foi-me dito que não podia atender-me porque estava reunido com um grupo de professores vietnamitas que vinham dar aulas. Não resisti e desabafei a minha mágoa por causa da ausência de professores portugueses. Numa área tão sensível à presença cultural, como acertar esta falha tão grave da cooperação portuguesa? É conhecida a falta de professores angolanos. As escolas do ensino básico necessitam de apoio sério e eficaz. Sentimo-lo na nossa própria escola. É precisamente neste nível que se

preparam as crianças para os escalões superiores.

Fiquei comovido com as palavras que o Director duma Universidade me disse, há pouco tempo: — Quero apadrinhar todos os seus rapazes que tiverem boas médias para entrar na Universidade. As boas médias preparam-se nas escolas dos primeiros níveis. Se é necessário o esforço do aluno, não é menos a preparação e o interesse do agente do ensino. Contudo, não é para desanimar.

Desconheço as condições em que vêm os professores anunciados. Quem dera não lhes falte o espírito de missão. Sabemos que as crianças são de quem as amar e mostrar que as ama. De igual modo os pais e todo o povo.

Outra área muito sensível à presença cultural é a da saúde. Encontrei-me, há dias, numa pequena reunião de médicos: angolanos, russos e coreanos. Foi no hospital de Benguela. Que pena senti de não ver um médico português! Ao menos um símbolo da presença de Portugal, neste sector que fala, e de que maneira, ao coração do povo angolano! Não tenho vergonha de dizer que Portugal tem uma dívida para com o povo angolano. Não estou a falar em euros ou dólares. É uma dívida humana contraída ao longo de cinco séculos e que aumentou após a Independência, com o país mergulhado numa guerra devastadora. Quem dera que os discursos políticos passem ao terreno concreto. Escrevo com uma esperança muito viva.

Padre Manuel António

## PENSAMENTO

Todo aquele que passa sem fazer caso, que nunca ergueu do caminho uma criança que chora, que não chora ele mesmo por não as poder levantar todas — esse, quem quer que seja, qualquer que seja a sua posição, por maior opinião de que disfrute, esse, digo, ainda não ouviu a lição do Mestre e, se o fez, não a compreendeu. Vegeta. Não vive. Não é discípulo de Jesus.

PAI AMÉRICO

## Malanje

## A caminho de Saurímo

**C**ONVIVI com o velho Caetano, alfaiate dos nossos rapazes, avô de mais de cem netos. Com mais de 70 anos parecia um jovem em cima da sua velha bicicleta! Um dia ele me contou a sua viagem a pé até Saurímo (600 quilómetros).

— Como? — perguntei.

— De sanzala em sanzala! — respondeu.

— Dinheiro e comida?

Sorriu e acrescentou:

— *Entre nós e nesse tempo, dinheiro não tinha valor. Comida não era problema. Antes da noite o soba do lugar nos acolhia com agrado. Assim fui e voltei.*

O dom do acolhimento e da fraternidade gravado, então, no coração angolano!

Vem a jeito contar o episódio e que me foi narrado pelo próprio camionista:

Seguia ele a caminho de Saurímo,

quando no momento de violenta tempestade — com trovões e chuva — lhe surgiu à frente um velhinho a implorar boleia.

Que levava pressa, que não dava boleia, que fosse a pé.

A cinco quilómetros, no centro da primeira sanzala, o carro entrou. Seria noite quando um homem lhe bateu no vidro e o convidou para jantar e dormir. Foi. Frango no churrasco e alvos lençóis na cama.

De manhã, já pronto para partir, agradeceu, comovido, ao seu hospedeiro.

— *Sabe, meu senhor, eu sou aquele velhinho a quem ontem negou boleia; mesmo assim, tive muito gosto em acolhê-lo.*

Senhor padre, se eu tivesse ali um buraco, tinha-me enfiado nele... Nunca mais neguei uma boleia a qualquer irmão.

Padre Telmo

## Setúbal

## Adopção de crianças

**V**ÁRIAS vezes temos falado favoravelmente da adopção de crianças. Ela aparece ao senso comum, imediatamente, como uma solução para o acolhimento das que não têm família.

Indo à vida concreta das que foram adoptadas, sabemos como tantas vezes surgem grandes e graves problemas nos adoptados: rejeição, desintegração e crises de identidade que, por vezes, os levam a pôr em risco a sua integridade pessoal.

Os filhos naturais e os adoptados nunca poderão estar em verdadeiro pé de igualdade com os pais. Só um profundo sentido de paternidade pode ajudar a criar um sentimento autêntico de filiação. Só uma grande capacidade de amar, na aceitação das diferenças, das crises e desentendimentos, pode potenciar a relação para o grande bem que é comunicar e apoiar a vida.

Sabemos casos em que os adoptados são rejeitados ou abandonados a partir de certa idade. Outros em que a fidelidade ao compromisso dos adoptantes os obriga a grandes sofrimentos a que não se escusam.

Adoptar é uma figura entre outras formas de acolher e remediar as carências das crianças em família, todas elas válidas. Adoptar não é a solução perfeita, mas, como outras, remedia carências de vida em família.

Necessário é que a terapêutica usada seja rica do elemento essencial para o ser humano crescer, o amor familiar equilibrado, para o ajudar a vingar no conjunto das vicissitudes da vida, pela educação.

Os tempos que correm na actualidade, não oferecem garantias de abundarem estas capacidades em quem se deixa imbuir da mentalidade dominante. Se para amar é

preciso viver sem egoísmo, e para educar ter espírito de sacrifício, numa mentalidade individualista e materialista estas não são as virtudes compatíveis.

Tal como as condições materiais e as psicológicas são importantes para entregar a alguém uma criança para adopção, as espirituais não poderão ter menos peso na avaliação de todo este processo.

Padre Júlio

## Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

de a transformar em canil(!), transpondo os limites de propriedade privada que é. A sala de jantar foi transformada numa imunda habitação de caninos... Tarde fomos prevenidos. O ano passado foram lá gastos mais de dois mil

contos em obras de restauro. Sinais dos tempos, também!

Notícia feliz: A nossa escola não fecha. Decisão acertada e concertada com a vontade de muitos amigos de Miranda do Corvo e Coimbra. As nossas autoridades estiveram atentas ao bem da sua terra, para além de procurarmos cumprir com os mínimos exigidos pela lei. Os filhos dos gaiatos completam o número exigido. Também são Crianças nossas, filhos desta família.

Padre João

## Cantinho dos Magistrados

**P**AI Américo continua a escrever história, a História da Obra da Rua, que ele aprendeu fazendo-a nas ruas de Coimbra, que não na *Alta* onde tem sede a velha Universidade.

Nem *sebentas* nem conferências doutorais foram o material dos seus estudos. Ele foi directo ao homem, ao prostrado nos caminhos por feridas de tantas naturezas e origens; e, tal como o *Samaritano*, logo ali começou a curar e a chamar outros ao processo da cura — um trabalho que não finava em si mesmo, antes constituía princípio e patamar de uma investigação. Ele foi, na verdade, um Investigador (porque não dizer científico?!) no âmbito das Ciências Humanas e Sociais. Ele não parava no imediato de curar feridas. Queria ir às causas delas para que se pudesse prevenir em vez de ter que remediar.

Cadeias de Comarcas, em Coimbra e na região, foram *laboratório* onde descobriu e denunciou vírus que, impedidos ou atacados a tempo, deixariam crescer a bondade do homem — que dela há sempre nele por muito mau que seja ou tal seja julgado.

Eis mais um pequenino texto exemplar:

«*Eu entrei na cadeia da Comarca onde me demorei três dias a pregar aos Reclusos. O carcereiro fechava-me às nove e abria-me às seis da tarde, ou às dezoito, se gostas mais.*

— *Ora bem que está conosco; o rancho vai ser melhor por você estar.*

*Por este regozijo humano, entrava eu em plena conquista de todos e de cada um daqueles homens, ainda dos mais criminosos — primum vivere.*

*Sentia que todos eram meus.*

*Um dia chegou o rancho às grades; era o último dos meus trabalhos. Fomos todos comer. Dirigi-me a uma bacia que estava ao fundo da sala, lavar as mãos. Volto-me para limpar e dou de cara com dezoito Reclusos, que tantos eram os ocupantes da cadeia, cada um com sua toalha nos braços e estes estendidos para mim: — Limpe-se aqui!*

*Eu limpei as minhas mãos pecadoras dezoito vezes, a dezoito toalhas: — Ande, padre, que a toalha é minha.*

*Não era da prisão. Viera de casa, lavada pela Mãe ou pela mulher, direitinha do bragal. Era o melhor que cada um me podia dar naquela maré. O que não me teriam eles dado, se tivessem quê — a tal pobre gente de quem tu foges e falas!*

*Senhor Jesus, eu não troco por nada deste mundo a suprema ventura de curar com panos de linho os Membros doentes do Vosso corpo, considerados sem cura!»*

Padre Carlos